

# A integração entre argentinos e brasileiros no Sudoeste do Paraná – Capanema e *Andresito*

*Daniela Silvestrin'*

Resumo: Este artigo pretende abordar as relações estabelecidas na fronteira internacional entre Brasil e Argentina na localidade que compreende os municípios de Capanema no Sudoeste do Paraná e *Comandante Andresito* na *Provincia de Misiones* no Nordeste da Argentina. O conceito de fronteira vem sendo estudado por diversas áreas e de diversas formas, superando a ideia de fronteira apenas como divisão/limite entre um país e outro, mas sendo pensada também como uma fronteira Cultural. As fronteiras, antes de serem marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas, pois ao mesmo tempo em que elas carregam consigo um significado de divisão, restrição, separação de modos de vida ou mesmo de idiomas, elas trazem uma rede de relações entre os habitantes de ambos os lados. Este artigo pretende pensar a integração na fronteira como uma relação cultural que vai muito além da questão física e das leis ali estabelecidas. Realizaremos uma breve análise de como as lideranças locais e nacionais pensam as políticas públicas voltadas para essas localidades e de que maneira atendem às necessidades e aos anseios da população transfronteiriça.

Palavras-chave: Integração fronteiriça; integração cultural; fronteira; fronteira cultural.

## The integration between argentinians and brazilians in the Southwest of Paraná - Capanema and Andresito

**Abstract:** This article intends to approach the relations established in the international border between Brazil and Argentina in the locality that includes the municipalities of Capanema in the southwest of Paraná and Comandante Andresito in the Province of Misiones in the northeast of Argentina. The concept of frontier has been studied by several areas and in several ways, surpassing the idea of frontier only as division / limit between one country and another, but also being considered as a Cultural frontier. The frontiers before they are physical or natural landmarks are, above all, symbolic, since at the same time they carry with them a meaning of division, restriction, separation of ways of life or even of languages, it brings a network of relations between the inhabitants on both sides of the border. This article intends to think of integration at the border as a cultural integration that goes well beyond the physical frontier and the laws established there. We will make a brief analysis of how local and national leaders think public policies geared to these localities and how they meet the needs and aspirations of the cross-border population.

**Keywords:** Border integration; cultural integration; border; cultural frontier.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE/Campus de Marechal Cândido Rondon). Docente EBTT de Arte no Instituto Federal do Paraná, Campus de Capanema. E-mail: daniela\_silvestrin@hotmail.com.

## Introdução

Este artigo pretende abordar brevemente as relações culturais, econômicas e sociais estabelecidas na fronteira entre Brasil e Argentina, mais precisamente no Sudoeste do Paraná, onde fazem divisa os municípios de Capanema e *Comandante Andresito*, problematizando as relações cotidianas da população dos respectivos municípios.

Parte da pesquisa realizada se deu por meio de entrevistas orais<sup>2</sup> com moradores do município de Capanema, no Sudoeste do Paraná e com moradores de *Comandante Andresito*<sup>3</sup>, na *Provincia de Misiones* na Argentina, para que assim fosse possível compreender um pouco como se estabelecem as relações na fronteira. Além das entrevistas, de suma importância são os arquivos disponibilizados pela Associação Comercial de Capanema (ACEC), onde pode verificar diversos documentos como atas, acordos, convites oficiais de eventos e reuniões bilaterais, arquivos de jornais nos quais foi possível verificar a mobilização das autoridades, entidades e lideranças de ambos os municípios em prol de políticas de integração entre os municípios, que apresenta grande ênfase no que se refere às questões comerciais.

Quando o assunto é fronteira, é comum as pessoas pensarem diretamente em uma fronteira geográfica, em uma divisão entre um país e outro, uma vez que o dicionário<sup>4</sup> define que fronteira é “Limite; linha que divide ou delimita, separando um país ou território de outro(s)”, entretanto as fronteiras vão muito além de uma simples definição que o dicionário nos apresenta, tendo em vista as pessoas que vivem nessas áreas limites, com línguas diferentes, modos de vida, hábitos, economias que divergem, e estão cotidianamente em contato umas com as outras. O termo fronteira vem sendo utilizado em vários sentidos, desde o limite entre dois países, até fronteiras abstratas como bem e mal, fronteira da natureza, epistemológica e de limite entre a vida e a morte (FERRARI, 2010, p. 21).

As relações nas fronteiras, principalmente nas internacionais, a cada dia mais, têm sido amplamente discutidas e estudadas não apenas por geógrafos, mas também por historiadores, antropólogos, cientistas sociais, literários, sendo também de interesse político. Conforme Maurício Kenyatta Barros da Costa:

A fronteira, como instituição territorial, cria uma ordem e cumpre a função de separar e distinguir, configurando-se como uma ordem de diferenciação. Entretanto, o contexto de integração regional e de redemocratização dos Estados no Cone Sul ensejou uma ressignificação das fronteiras e a busca por uma nova ordem regional (fim de disputas hegemônicas e rivalidades) que, por sua vez, incidiu sobre em uma nova compreensão dos Estados sobre seus próprios territórios. Esta foi uma ressignificação histórica, pois as fronteiras da região sempre tiveram a função de barreira para os Estados, função que passa ser questionada e alterada lenta e gradualmente, com avanços e retrocessos durante o processo. (COSTA, 2017, p. 183).

---

<sup>2</sup> A história oral foi utilizada como metodologia para a problematização dos relatos de experiências. Alessandro Portelli (2000) ressalta a importância do diálogo e do papel da história oral na busca pela sua preservação.

<sup>3</sup> Cidade localizada na *Provincia de Misiones*, no Nordeste da Argentina. Tem como principal atividade o cultivo de erva-mate e a pecuária. Atualmente possui aproximadamente 15 mil habitantes. Faz divisa com o município de Capanema, no Sudoeste do Paraná, por isso são consideradas cidades gêmeas.

<sup>4</sup> Dicionário Online de português. Disponível em: <[www.dicio.com.br/fronteira/](http://www.dicio.com.br/fronteira/)>. Acesso em: 28 maio 2018.

Na abertura do 1º Encontro Fronteiras Culturais (Brasil – Argentina – Uruguai), que aconteceu em Porto Alegre, na Casa de Cultura Mário Quintana, no ano de 2000, o então governador do Estado do Rio Grande do Sul, Olívio Dutra, relatou em seu discurso que a integração das fronteiras aconteciam principalmente de forma capitalista, voltada às relações de comércio, de troca entre países, com ênfase no econômico e colocava as pessoas em situações de mercadorias, mas que se fazia necessária uma integração de valores culturais, democráticos e solidários<sup>5</sup>. Faz-se necessária uma atenção especial por parte dos governantes a essas zonas de fronteiras ou cidades gêmeas, que deve promover a integração; são regiões onde se deve investir financeiramente, principalmente se forem locais de menor infraestrutura ou mais carentes, como a maioria das fronteiras interiores<sup>6</sup> do país.

Conforme Machado (2005, p. 260), as cidades gêmeas “apresentam grande potencial de integração econômica e cultural assim como manifestações localizadas dos problemas característicos da fronteira. Aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania. Por esses motivos é que as cidades gêmeas devem constituir-se em um dos alvos prioritários das políticas públicas para a zona de fronteira”.

Conforme Maria Helena Martins (2000), pensar em um fortalecimento cultural de regiões com condições de vida debilitada soa de forma paradoxal; a autora se baseia no princípio da autoestima: uma vez que as comunidades se reconhecerem enquanto comunidade e meio de transformação, conseqüentemente aprendem a se valorizar e criar meios de sobrevivência cultural, por meio da saúde, educação, moradia, resultando assim em um desenvolvimento geral. (Projeto Fronteiras Culturais).

## **Fronteira como local de relações econômicas, sociais e culturais**

As fronteiras, antes de se caracterizarem como marcos físicos ou naturais, são, sobretudo, simbólicas, de referência mental, que guiam a percepção e a realidade (PESAVENTO, 2002, p. 35). É importante ressaltar que, ao mesmo tempo em que as fronteiras carregam consigo um significado de divisão, restrição, separação de modos de vida ou mesmo de idiomas, elas trazem uma integração entre a população, são uma zona de contato. Muitas vezes a integração nas áreas de fronteira acaba sendo estabelecida por meio de atividades comerciais, que aumentam o fluxo de pessoas e mercadorias. É o caso de Foz do Iguaçu e *Ciudad Del Este*. Para Seoane (2009, p. 36-37)

los procesos de integración, si bien no tienden a la disolución completa de las fronteras si determinan una relativa disminución del efecto frontera, es un fenómeno consustancial al concepto mismo de integración y requisito imprescindible para incentivar los flujos de comercio, inversiones y factores, que son su objetivo

Em uma das entrevistas realizadas, o senhor Hugo Câmara, morador de *Andresito*, que atualmente trabalha no setor de turismo, enfatizou a importância em direcionar os olhos para as atividades culturais, deixando claro que não adianta pensar apenas nas atividades comerciais, nas compras e mercadorias, mas que a integração na fronteira começa pelo relacionamento

<sup>5</sup> Olívio Dutra. Governador do Rio Grande do Sul de 1999 a 2003. Discurso de abertura do 1º Encontro Fronteiras Culturais (Brasil – Argentina – Uruguai). Porto Alegre. 2000.

<sup>6</sup> Conceito utilizado por José de Souza Martins, em sua obra “Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano”, em que faz uma profunda análise sobre a coexistência de diferentes formas de trabalho nos espaços de fronteira no interior do Brasil, a maioria marcada pela degradação do ser humano.

com as pessoas, ou seja, não adianta a população e as lideranças pensarem e lutarem pela passagem de cargas ou em um alfandegamento da fronteira se, quando cruzam para o país vizinho, não mantêm uma relação de amizade, não se cumprimentam na rua e se quando estão em um mesmo local, não se sentem próximos<sup>7</sup>.

Sendo assim, a entrevista realizada com o senhor Hugo dialoga com as colocações que Sandra Pesavento (2002) faz no seu texto “Além das Fronteiras”, uma vez que as fronteiras devem caminhar para uma construção simbólica de pertencimento, ou seja, uma construção de identidade, que se paute como um marco de referência que se define pela diferença. Para Schlee (2002, p. 61), “o ponto de partida é reconhecer que temos identidades coletivas complexas, conflitivas, diferentes – pois a busca de nossa identidade parte do reconhecimento de nosso pluralismo”.

Diversas reuniões foram feitas entre os municípios de *Andresito* e Capanema, por pessoas que anseiam o fortalecimento das relações na fronteira. Foi possível verificar, por meio de algumas atas, que desde 1991 o Brasil tinha o anseio de concluir, juntamente com a Argentina, um acordo para a criação de um Grupo Permanente de Cooperação Fronteiriça, coordenado pelos respectivos Ministérios das Relações Exteriores, que favorecesse a análise e possíveis soluções sob enfoque técnico, de temas e fatos destinados a facilitar o trânsito na fronteira, bem como promover soluções práticas para superar possíveis dificuldades conjunturais, entretanto as autoridades nacionais não deram atenção para os anseios dessa população e o “Grupo” não obteve êxito.

É importante pensarmos que as fronteiras são locais de construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo (PESAVENTO, 2002). Ao problematizarmos as relações culturais estabelecidas na fronteira, não podemos deixar de lado o conceito de identidade, devemos refletir sobre quem são essas pessoas que vivem na zona de fronteira. Quem são os moradores de ambos os municípios? Quais seus hábitos e costumes? Qual sua religião?

Conforme Stuart Hall:

A identidade [...] preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” — entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. (HALL, 2006, p. 12).

No caso dos municípios de *Andresito* e Capanema, há uma procura muito maior por parte dos moradores do lado Argentino pelos serviços oferecidos do lado brasileiro, devido a mais opções de mercadorias disponíveis tanto em mercados como em lojas. Já os brasileiros são atraídos ao país vizinho para adquirir produtos específicos, como vinho, farinha de trigo e camarão, que têm um preço atrativo.

Antes da construção da Ponte Internacional sobre o Rio Santo Antônio, a população já realizava a travessia de um país a outro, que era feita em pequenos barcos para chegar ao país vizinho. Os moradores de ambos os municípios tinham muita dificuldade em fazer a travessia devido ao tipo de embarcação utilizada, que era muito precária; mesmo assim os moradores do

<sup>7</sup> Hugo Câmara, morador de *Andresito*, envolvido nos grupos de trabalho em prol da integração entre os municípios. Concedido em 08 de julho de 2017.

lado Argentino tinham necessidade de fazer a travessia, pois o município de *Andresito* era novo e distante das demais cidades da *Provincia de Misiones* e as opções de comércio eram poucas. Sendo assim, os moradores se deslocavam até Capanema para adquirir diversos bens, desde roupas, alimentos, produtos de limpeza até eletrodomésticos e móveis. A travessia também era feita para os momentos de lazer, como os jogos de futebol.

Verificando toda essa situação precária em que a travessia era feita e com a intenção de facilitar o trânsito entre um país e outro, principalmente daqueles que levavam grandes objetos, como móveis, em meados de 1985, o vereador Ivanir Ferronato propôs a construção de uma “pinguela”, que não chegou a ser construída, pois o governador do Estado do Paraná, Roberto Requião<sup>8</sup>, decidiu construir a ponte para ligar o Brasil à Argentina, motivado principalmente pelo fechamento da Estrada do Colono<sup>9</sup> no ano de 1986.

Na época os argentinos não demonstraram apoio à construção da ponte, mas o governo do estado do Paraná optou por custear sua construção, tendo em vista que se tornaria uma importante ligação ao Oeste paranaense e também à cidade de *Puerto Iguazu*. A construção teve início em 13 de abril de 1993 e foi concluída em 09 de março de 1994. Somente dois anos depois da inauguração, foi liberado, em 1996, o tráfego entre os dois países. Até então os brasileiros não podiam ir até Foz do Iguaçu, pois a aduana não era habilitada e a legislação argentina permitia o tráfego até 50 quilômetros. O tráfego internacional foi habilitado pela Agência Nacional de Transportes Terrestres em 2007 por meio da Resolução nº 1948, de 11 de abril de 2007.

O ano de 2015 foi um ano histórico para os municípios. Depois de 12 anos da construção da Ponte sobre o Rio Santo Antônio, no dia 19 de junho, passou o primeiro ônibus de turismo oficial pela aduana de *Andresito*, rumo a Foz do Iguaçu, com um grupo de 30 artesãs do município de Capanema. Desde sua construção, apenas carros de passeios podiam atravessar a fronteira. Com essa conquista, as autoridades locais tiveram as esperanças de um possível alfandegamento renovadas e veem a conquista como uma oportunidade de crescimento para a região. Entretanto até o ano de 2017, estão sem nenhum posicionamento dos governos federais quanto a isso.

## Desafios diários que refletem na Integração

Muitos são os esforços para fomentar a relação entre os países, entretanto algumas situações escapam da alçada das autoridades locais e acabam por dificultar o trânsito entre os países, como é o caso do horário de funcionamento da aduana.

Atualmente, a aduana entre Capanema e *Andresito* tem seu horário de funcionamento limitado das 7h30 horas da manhã até as 19h30 horas da noite, o que conseqüentemente limita a travessia entre os países e afeta principalmente as atividades culturais, impedindo que os moradores de ambos os lados da fronteira participem de festividades, shows, eventos no país

---

<sup>8</sup> Roberto Requião de Mello e Silva, governador eleito no Estado do Paraná. Primeiro mandato de 1991 a 1994.

<sup>9</sup> Estrada pertencente ao governo do Paraná, que passava no interior do Parque Nacional do Iguaçu, e ligava a cidade de Serranópolis do Iguaçu e a cidade de Capanema. Tem cerca de 17,6 km e foi transformada em estrada por volta de 1950. Devido ao grande número de desmatamento do interior do Paraná, à extração ilegal de palmito, à caça de animais silvestres, à criação de diversas cidades e à construção de rodovias, grupos ambientalistas pressionaram o governo do Estado para o fechamento da Estrada, por ser uma área de preservação ambiental permanente (CORNELLI; CASTANHA, 2012).

vizinho, pois a maioria acontece no período noturno, inviabilizando um fortalecimento das relações culturais entre os países, visto que nem todos possuem uma condição financeira para pagar um hotel, e voltar no outro dia a seu país. É o caso da Festa do Melado que acontece em Capanema, a cada dois anos, e a Festa do Colono que acontece em *Andresito*.

Consequentemente, é difícil para os fronteiriços compreender os controles aduaneiros, principalmente das cidades gêmeas, tendo em vista que para eles o trânsito entre as fronteiras é algo corriqueiro.

Com o objetivo de reestruturar o programa de políticas da faixa de fronteira do território brasileiro e compilar alguns estudos e projetos fragmentados, o Ministério da Integração Nacional, no governo Lula, lançou a “Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira”, que foi elaborado por um grupo de pesquisadores e liderado pela professora Lia Osório Machado<sup>10</sup>. Conforme o então Ministro da Integração Nacional, Ciro Gomes:

A perspectiva desta publicação é oferecer às diversas instâncias governamentais e à sociedade brasileira uma base conceitual e uma agenda concreta de intervenção que permita superar a visão da fronteira como “espaço-problema” em favor de uma concepção que privilegia a região como um espaço pleno de oportunidades de desenvolvimento, de união com os nossos vizinhos e de valorização da cidadania. Afinal, é na fronteira que começa o Brasil e o Governo do presidente Lula tem um compromisso determinado com os cidadãos que nela residem e com o desenvolvimento solidário da América do Sul. (GOMES, 2005, p. 7).<sup>11</sup>

O desejo de integração entre os países pode ser confirmado por meio dos diversos documentos disponíveis na ACEC, em Capanema, onde se encontram diversas atas de reuniões que aconteceram entre os países/municípios, com objetivo de fomentar as relações. Entretanto, o estigma de rivalidade entre brasileiros e argentinos, que tem seu ápice nos jogos de futebol, pode ser encontrado nas atitudes cotidianas dos moradores do lado brasileiro.

Podemos perceber que, mesmo após os esforços para construção da ponte com o objetivo de facilitar a integração e o trânsito entre os países, a população possui uma visão estereotipada do outro. Podemos ver, por exemplo, em uma coluna do jornal “O Trombeta”<sup>12</sup> (Figura 1), de grande circulação no município de Capanema, uma série de piadas sobre os argentinos, inclusive de título pejorativo “Argentininhos”, que teve uma repercussão bastante negativa.

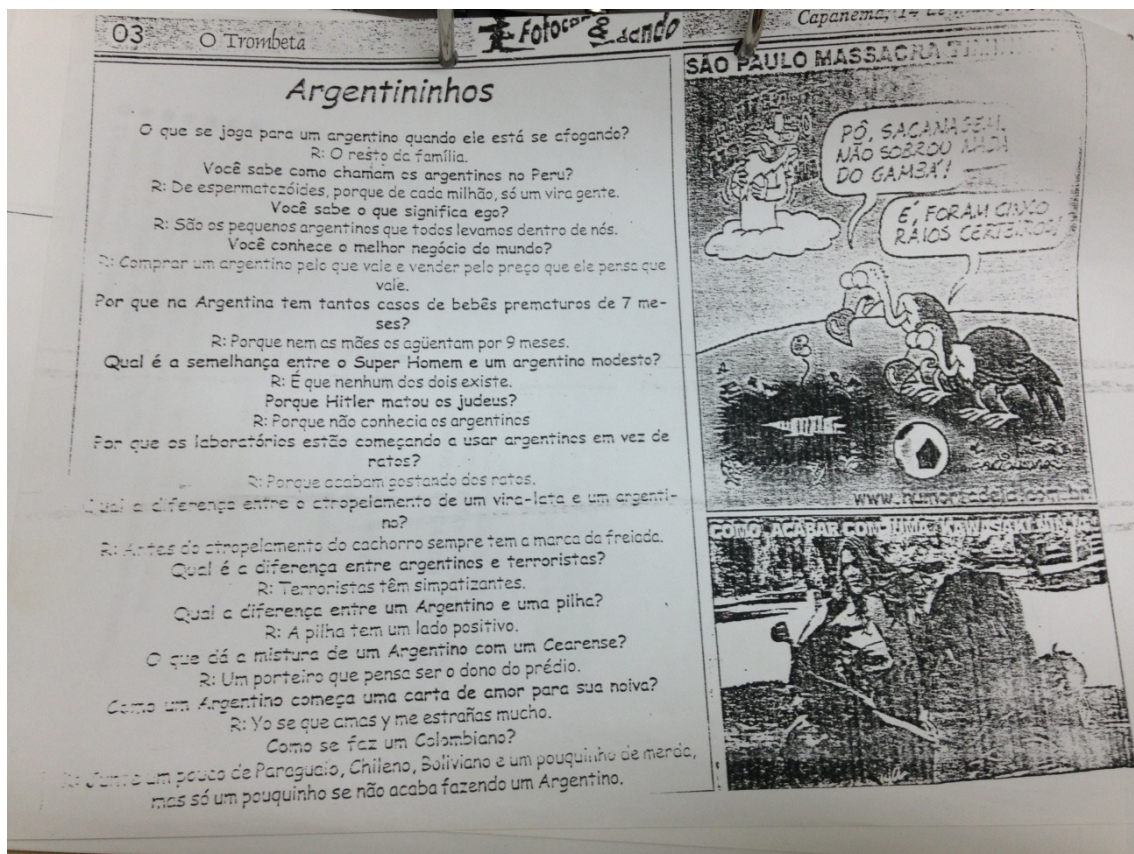
#### Figura 1 – Piada sobre argentinos

---

<sup>10</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de Barcelona (1989). Professora e pesquisadora do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (1979-2010) e, atualmente, professora aposentada e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e pesquisadora 1-A do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Em 1994 implantou e assumiu a coordenação do Grupo RETIS na UFRJ, do qual participam doutores, mestres, mestrandos e bolsistas de iniciação científica com pesquisas nos temas de Amazônia sul-americana; Limites e Fronteiras na América do Sul; Geografia das Drogas Ilícitas e Sistema Financeiro Internacional; Pensamento Geográfico.

<sup>11</sup> Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional, quando publicada a Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira - Bases de uma Política Integrada de Desenvolvimento Regional para a Faixa de Fronteira.

<sup>12</sup> Fundado em 02 de janeiro de 1989, por Benito Cerineu Locatelli, Carlos Leandro Tscha e Valdelírio Michel (*in memoriam*).



Fonte: O TROMBETA, 14 maio 2005, p. 3.

Tal publicação causou desconforto para os vizinhos argentinos que, inconformados com tamanho desprezo, redigiram uma carta oficial ao prefeito do município, Sr. Milton Kafer. O então *intendente* do município de *Andresito*, Sr. Aldo Aníbel, assim escreve:

*Con asombro y perplejidad hemos leído en un periódico denominado 'La Trompeta' de fecha 14 de mayo del corriente año, con tiraje en Capanema y zonas de influencia una increíble y asombrosa falta de respecto a las mínimas y elementales normas de convivencia entre dos pueblos que forjan su futuro mancomunadamente hace mas de 25 años, discriminando en forma absurda al pueblo de la República Argentina.*<sup>13</sup>

É perceptível a indignação no discurso do *intendente* de *Andresito*, uma vez que há um grande esforço por parte da população, das lideranças e das autoridades em estreitar os laços e promover de fato uma integração, tal atitude vai contra todos os esforços<sup>14</sup> realizados. E assim Aldo Aníbel conclui sua carta:

<sup>13</sup> O presente documento pode ser verificado junto à Associação Comercial e Empresarial de Capanema (ACEC).

<sup>14</sup> Entende-se por “esforços”, grupos de trabalho, reuniões com a Polícia Federal e a Receita Federal, reuniões de autoridades e lideranças, audiências públicas, carta aos governantes e deputados, eventos realizados entre ambos os municípios.

Consideramos y siempre lo hemos hecho a nuestros pueblos Andresito y Capanema como hermanos que tienen lazos comunes y así deberá seguir siendo, es por ello y conociendo vuestra trayectoria, siempre a favor de la integración de nuestros pueblos es que solicitamos interceda, dentro de su ámbito, para que hechos de esta naturaleza no se repitan y para que podamos seguir avanzando en nuestro viejo anhelo de la frontera se un mero hito geográfico plasmado en un mapa y no una división étnica”.<sup>15</sup>

Aldo Aníbal deixa claro, no final da sua carta, que é preciso seguir avançando nos velhos anseios da fronteira, que a fronteira é refletida em um marco geográfico e não deve ser uma divisão cultural e étnica<sup>16</sup>. Não há como negar que, cada vez mais, as identidades são plurais e as nações sempre se compuseram na diferença, mais ou menos escamoteada por uma hegemonização forçada, em grande parte artificial (CHIAPPINI, 2002, p. 44).

Esse acontecimento do jornal “O Trombeta” nos chama à reflexão sobre os estereótipos que criamos das diferentes culturas e identidades, o que acaba ficando intrínseco nas narrativas e resulta em atitude como a publicação do jornal (Figura 1). O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome das semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE JR, 2006, p. 20). Nossas identidades culturais refletem as experiências históricas em comum e os códigos culturais partilhados que nos fornecem, a nós, como um “povo uno” (HALL, 1996, p. 68).

O então prefeito de Capanema em 1995, Sr. Milton Kafer, escreveu uma carta aberta à população de *Andresito*, para se desculpar pelo acontecido e finaliza a mesma dizendo:<sup>17</sup> “Para tanto precisamos combinar a força das ideias e dos sonhos com o desvelar da realidade e de seus problemas através das ações que reorientem na direção da formação de um só povo, ideia que habita em nossos corações mas teima em não acontecer”.

Conforme José de Souza Martins, “no âmbito das respectivas concepções do espaço e do homem, a fronteira é, na verdade, ponto limite de territórios que se redefinem continuamente, disputados de diferentes modos por diferentes grupos humanos”. (MARTINS, 2016, p. 10).

## Considerações Finais

Podemos concluir que os passos para uma maior integração entre os países são lentos e esbarram em leis, burocracias, preconceito e visões estereotipadas do outro. Como podemos perceber, a integração cultural vai muito além da fronteira física. É preciso que não só as lideranças lutem e fomentem atividades que integrem a população, mas que a própria população assuma esse papel que vai além de uma relação de comércio, em que as pessoas vão ao país vizinho com o intuito de comprar, mas também que possam ter contato com a música, o teatro, as festas populares, e assim resultar em uma troca de saberes e experiências.

---

<sup>15</sup> O presente documento pode ser verificado junto à ACEC, Associação Comercial e Empresarial de Capanema.

<sup>16</sup> Os diversos grupos que vivem na região: Índios Guaranis, descendentes de espanhóis, descendentes de alemães e italianos que vieram de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, moradores da região Norte do Brasil que vêm em busca de trabalho.

<sup>17</sup> Carta aberta à população de *Andresito*, que está arquivada na Associação Comercial e Empresarial de Capanema (ACEC). Escrita pelo então prefeito Milton Kafer, com data de 25 de maio de 2005.



É importante que as instituições de ensino pensem em como fomentar e realizar trocas científicas e culturais por meio da produção de seus alunos e como elas podem agregar à formação deles, como as trocas podem trazer um maior aprendizado e refletir nas atitudes dos mesmos quando esses forem lideranças em suas cidades, evitando assim a criação de estereótipos.

A atitude de extremo preconceito publicada em um jornal de grande circulação demonstra que nem todos pensam da mesma forma e que a integração não deve ser algo forçado, mas algo natural e resultante dos esforços de toda a população, uma vez que os conflitos entre brasileiros e argentinos começaram há muito tempo, motivados ainda pelos espanhóis e portugueses, que estiveram diretamente ligados à disputa desse território, mas que devem ser deixados e superados em prol de um ganho, em que as trocas culturais podem acrescentar às populações de ambos os países.

Sendo assim, conforme José de Souza Martins:

A fronteira só deixa de existir quando o conflito desaparece, quando os tempos se fundem, quando a alteridade original e mortal dá lugar à alteridade política, quando o *outro* se torna parte antagônica de nós. Quando a história passa a ser a *nossa história*, a história da nossa diversidade e pluralidade, e nós já não somos nós mesmos porque somos antropofagicamente nós e o outro que devoramos nos devorou.<sup>18</sup> (MARTINS, 2016, p. 134).

Podemos concluir que as dinâmicas nas fronteiras são complexas e permeiam as questões geográficas, culturais, sociais e políticas, que muitas vezes esbarram em leis, burocracias, preconceito e visões estereotipadas do outro. Vários são os esforços de políticos e autoridades locais e regionais para facilitar a integração nas zonas fronteiriças, entretanto compreender as relações que se estabelecem nas dinâmicas da fronteira e projetar políticas públicas para as fronteiras internacionais é delicado, pois envolve interesses políticos locais e regionais, elementos espaciais e legislações de países distintos.

## Referências

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: Massanga; SP: Cortez, 2006.

BRASIL. Ministério da Integração Nacional. Secretaria de Programas Regionais. **Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira**. Proposta de Reestruturação do Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira/Ministério da Integração Nacional, Secretaria de Programas Regionais, Programa de Desenvolvimento da Faixa de Fronteira – Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2005.

CHIAPPINI, L. Multiculturalismo e Identidade Nacional. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

CORNELLI, J. P.; CASTANHA, A. P. **Estrada do colono: história, consciência ambiental e desenvolvimento local**. 2012. Disponível em: < [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde2012/Arquivos/8197-28.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde2012/Arquivos/8197-28.pdf)>. Acesso em: 28 maio 2018.

<sup>18</sup> Ver: MARTINS, J de S. Antropofagia e barroco na cultura latino-americana. O tempo da fronteira retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. **Tempo Social – Rev. Sociol.** São Paulo, v. 8, n. 1, p. 25-70. 1993.

- COSTA, M. K. B. da. **Políticas de segurança e defesa da fronteira brasileira no contexto de integração regional: os casos das fronteiras Brasil-Uruguai e Brasil-Paraguai**. 2017. 211f. Dissertação (Mestrado em Políticas Internacionais) – Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais. Brasília, 2017.
- FERRARI, M. **Conflitos e povoamento na fronteira Brasil – Argentina**: Dionísio Cerqueira (SC), Barracão (PR) e Bernardo de Irigoyen (Misiones). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.
- GOMES, 2005. ACRESCENTAR DADOS DA OBRA,
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, S. Identidade Cultural de Diáspora. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 68-75, 1996.
- MACHADO, L. O. Estado, territorialidade, redes. Cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In: SILVEIRA, M. L. (Org.). **Continente em chamaz: globalização e território na América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 243-284.
- MARTINS, J. de S. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2016.
- \_\_\_\_\_. Antropofagia e barroco na cultura latino-americana. In: \_\_\_\_\_. **A chegada do estrangeiro**. São Paulo. Editora Hucitec, 1993, p. 15-26
- MARTINS, M. H. **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- PESAVENTO, S. J. Além das fronteiras. In. MARTINS, M. H. (Org.). **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002, p. 35-40.
- PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, M.; ALBERTI, V. (Orgs.). **História oral: desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, p. 67-72.
- SCHLEE, A. G. Integração cultural regional. In: MARTINS, M. H. (Org.). **Fronteiras culturais**. São Paulo: Ateliê Cultural, 2002, p. 61-64.
- SEOANE, A. F. Integración económica y Fronteras: bases para un enfoque renovado. In: SEOANE, A. F.; ORIAS, R. A.; TORRES, W. A. (Orgs.). **Desarrollo fronterizo: construyendo una nueva agenda**. La Paz: Universidad de la Cordillera, 2009, p. 15 -28.
- TROMBETA O. **Argentinhos**. Capanema: Jornal local. 2005.